

Marianna Dias

PRESIDENTE DA UNE

Juventude.br - **Marianna, inicialmente gostamos de saber o que te levou a participar do movimento estudantil e como foi essa trajetória até presidência da UNE?**

Marianna Dias - Eu estudava pedagogia na Uneb e participei de um encontro de estudantes na cidade de Paulo Afonso. Logo depois já participei da 7ª Bienal da UNE, no Rio de Janeiro, em 2011. E a Bienal é uma coisa linda, ver aquele tanto de estudantes fazendo arte e política juntos em prol de uma educação melhor, eu pensei eu quero fazer parte disso. Não demorou muito eu me tornei diretora de cultura da União dos Estudantes da Bahia (UEB). Fui eleita presidenta desta entidade no dia 16 de junho de 2013 e tenho muito orgulho de na minha gestão termos conquistado a criação da Universidade Federal do Sul da Bahia. Depois de 2013 o Brasil mudou com as jornadas de Junho e assim que terminei a gestão na UEB em 2015 eu vim para São Paulo já como diretora de relações internacionais da UNE, quando tive uma atuação muito forte junto aos movimentos sociais de resistência contra o golpe que tirou a Dilma da presidência. Em 18 de junho de 2017 fui eleita com 79% dos votos, um momento muito feliz para mim, em uma plenária emocionante que defendeu a unidade das forças políticas dentro da UNE.

Juventude.br - **Qual avaliação você faz do governo Bolsonaro e da sua ação no campo da educação?**

M.D.: Quando a gente fala que o Bolsonaro é o inimigo número um da educação não é da boca para fora. Nas eleições já tínhamos avaliado que ele não tinha nenhum projeto para a educação, hoje sabemos que nem para o país. E pior, o pouco que ele apresentava para o setor eram só retrocessos ou cortinas de fumaça para sucatear e privatizar as instituições de ensino públicas. É isso que ele vem fazendo. As insti-

tuições públicas de ensino são lugares de livre pensamento, lugares democráticos, que combatem o conservadorismo, e por isso, o nosso presidente não tolera. Ele não aceita críticas e se porta como o rei do Brasil. Então tem adotado estratégias para desestabilizar, desacreditar e acabar pouco a pouco com a educação pública. Os cortes e as perseguições ideológica são calculadas para impossibilitar que jovens pobres, negros, mulheres, lgbs conquistem um diploma. O que mostra que além de reacionário, ele é pouco inteligente. Neste momento de crise e falta de emprego, as universidades são estratégicas para o desenvolvimento do país.

Juventude.br - **Diante desse quadro a qual é o desafio da UNE o do movimento estudantil?**

MD- Estar na vanguarda da resistência e conscientizar a sociedade brasileira dos perigos que estamos correndo quando não tratamos a educação como se deve. Assim como muitas vezes na história do Brasil, nós jovens podemos mobilizar e ser a fagulha a incendiar esse país contra as arbitrariedades cometidas pelo governo. Os últimos dias 15 e 30 de maio mostraram isso.

Juventude.br - **A UNE atuado na defesa da democracia, de um projeto de desenvolvimento nacional e participado de amplos movimentos políticos como o petróleo é nosso, as diretas já e o Fora Collor. Como essa trajetória se traduz na atuação da UNE dos dias atuais?**

MD - Eu acredito que já começamos. A nossa faixa gigantesca no dia 30 de maio em São Paulo, que foi capa dos principais jornais do país dizia "O Brasil se une pela educação". Eu acho que é isso que tem acontecido. Estudantes, professores e trabalhadores ouviram o chamado da UNE e tem comparecido às ruas, mostrando sua indignação, e reafirmado a importância

que dão para o setor. Pesquisadores em todos os Estados tem ido para ruas e praças e mostrado a população o trabalho que fazem dentro da universidade e como elas são essenciais. O "tsunami da educação" tem se espalhado pelo Brasil e não sairemos das ruas até Bolsonaro revogar os cortes.

Juventude.br - **A UNE e você tem defendido a formação de uma ampla frente política em defesa da democracia, da soberania, da educação e dos empregos. Qual é a importância de se construir essa ampla unidade política e quais iniciativas estão sendo tomadas para sua efetivação?**

MD - Depois do golpe que tirou Dilma, acho que ficou claro que se não estivermos unidos, as forças progressistas deste país, vamos levar golpe em cima de golpe. As Frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo, iniciativas que a UNE faz parte, tem organizado uma ação coletiva, onde os movimentos sociais e partidos estão unidos, discutindo, ouvindo uns aos outros, muitas vezes até brigando, mas tentando chegar a um entendimento para avançarmos. E agora a luta pela educação acredito que vai favorecer ainda mais essa união, até mesmo para além da esquerda. A nossa pauta é legítima e tem apelo, acredito que vamos ganhar cada vez mais a opinião pública.

Juventude.br - **Nos últimos anos o movimento estudantil vem sendo revigorado pela destacada participação das jovens mulheres. Elas estavam a frente das ocupações secundaristas, das mobilizações em defesa da educação e das organizações estudantis. Como você vê emergência dessa nova geração de jovens feministas, da**

qual você é parte, e como acha que ela pode estar influenciando o movimento estudantil?

MD - Bom, eu sou a terceira mulher consecutiva à frente da UNE, temos uma maioria feminina na presidência das UEEs em todo o país, então na UNE uma mulher mandando já não é novidade. Aqui sempre dizemos que quando uma mulher avança ninguém retrocede e é verdade. A UNE hoje é uma entidade onde o machismo é realmente combatido do dia a dia, na luta junto com os homens da entidade, e também em campanhas e posicionamentos que irradiam em universidades afora. Temos influenciado politicamente todos os campos da luta, em todas as pautas e esse é um caminho sem volta. Nas ocupações secundaristas de 2015, no 8 de Março, na campanha do #EleNão vimos uma primavera feminista ganhar as ruas com um protagonismo de jovens mulheres muito empoderadas e esclarecidas. Foi um momento político importante e não tenho como não pensar que o movimento estudantil foi essencial nesse florescer.

Juventude.br - As jovens mulheres vieram para ficar na agenda pública. Na sua opinião como a emergência dessa nova

geração feminista pode transformar a política e que políticas públicas reivindicam?

MD - Acredito que já tem transformado. O governo Lula e Dilma foi recheado de mulheres que ajudaram a formular políticas como o Minha Casa Minha Vida e o Bolsa Família que entregam a casa e o dinheiro nas mãos das mulheres, chefes de família. Teve a carteira assinada para as domésticas, a lei do feminicídio, bem como políticas contra a violência da mulher que avançaram. Tivemos o Fies e ProUni que ajudaram jovens pobres, mães solteiras, mulheres negras a acessarem a universidade onde antes não tinham vez. Infelizmente, no governo Bolsonaro, um ministério de homens brancos, não

